

TEORIA DO TEXTO E TEXTO POÉTICO: UMA EXPERIÊNCIA COLECTIVA

COESÃO COERÊNCIA E INFORMATIVIDADE EM "AS ANDORINHAS" de MAURO MOTA

JOHN M. PARKER

Universidade de Aveiro

Nas considerações finais da comunicação que apresentei, este ano, ao Colóquio "Teoria do Texto", em Évora, afirmei sentir certa insatisfação por se tratar dum estudo que se limitava a "descrever os passos seguidos por um indivíduo no processamento do material textual". Interessado em levar avante uma experiência mais ampla, resolvi aproveitar uma unidade da disciplina de Teoria do Texto, que lecciono na Universidade de Aveiro, visto dispor de uma centena de alunos, divididos em 21 grupos de trabalho, o que daria uma amostra razoável. Procedeu-se da seguinte forma:

À medida que iam aprendendo a lidar com os conceitos teóricos relativos aos mesmos conceitos de Coesão, Coerência e Informatividade (de acordo com Beaugrande & Dressler: Introduction to Text Linguistics), os alunos foram fazendo trabalhos práticos - levantamentos dos factores de coesão, montagem de redes conceptuais - para poderem depois registar conscientemente os passos seguidos no seu processamento dum texto poético. Parti do princípio de que neste tipo de texto se encontra com mais frequência, em espaço reduzido, "informatividade de terceira ordem" que necessita, para ser reduzida ("downgraded") e, daí, utilizada, da aplicação de várias das estratégias para "resolução de problemas" ("problem solving") encontradas por Beaugrande & Dressler. Facultei aos alunos o acesso ao meu trabalho anterior, a fim de terem conhecimento de uma experiência do género e de como podiam ser aplicadas as estratégias. O texto escolhido para o trabalho deles, sendo embora do mesmo poeta, é insuficientemente diverso para evitar que seguissem servilmente os passos da minha exposição.

TEXT THEORY AND POETIC TEXT: A GROUP EXPERIMENT

In the final considerations of the communication I have presented this year to the Seminar "Text Theory" in Évora, I have stated my feeling of a certain dissatisfaction since it was a study restricted to "describing the procedures adopted in processing the textual material". Willing to try a wider experiment, I have decided to take advantage of a course of Text Theory, which I teach in the University of Aveiro, since I have about a hundred students, divided into 21 groups. This would provide a reasonable sample. I therefore took the following steps:

Throughout the process of learning how to deal with the theoretical concepts related to the concepts of Cohesion, Coherence and Informativity (following Beaugrande & Dressler: Introduction to Text Linguistics), the students were doing practical exercises - survey of cohesion factors, setting of conceptual chains - in order to a conscious report of the steps followed in their processing of a poetic text. I assumed that this sort of text provides more frequently, and in reduced space, "informativity of third kind". Several problem solving strategies presented by Beaugrande & Dressler should be adopted in order to downgrade and then use that "informativity". I allowed the students to read my former work so that they might get acquainted with a similar experience and with the different ways of using those strategies. The text chosen for their work, although written by the same poet, is varied enough to prevent them from following step-by-step my work.

Nas considerações finais de uma comunicação⁽¹⁾ em que apliquei, a um texto poético em português, a metodologia proposta por Beaugrande e Dressler na sua Introduction to Text Linguistics (capítulo "Informativity"), sugeri a hipótese de um projecto colectivo no intuito de conseguir informação mais diversificada acerca dos passos seguidos no processamento do material textual. A experiência foi realizada com a ajuda de uma centena de alunos do quarto ano, na Universidade de Aveiro (Departamento de Línguas e Culturas), divididos em vinte e um grupos e devidamente preparados⁽²⁾ para, em princípio, saberem consciencializar e descrever o seu próprio procedimento. O texto escolhido para a experiência é de um poeta brasileiro sobre quem os alunos não possuíam, e dificilmente viriam a ter, informações de ordem biográfica e crítica, que interferissem com o trabalho proposto.

As Andorinhas

- 1 Torre feita de cantos e de plumas
- 2 ou feitas de argamassa as andorinhas?
- 3 A simbiose do puzo nos litúrgicos
- 4 beirais e a emigração de alvenaria.

- 5 Era a torre da igreja ornitológica,
- 6 onde a cor da manhã se suspendia.
- 7 Era uma ave de bronze na gaiola,
- 8 era a língua do sino presa à corda.

9 Mas quando, no intervalo dessa pena,
 10 no seu repique matinal batia,
 11 era a coletivíssima revoadada:
 12 asas de cal e músicas de penas
 13 caindo todas pelo chão da praça
 14 como se a torre se despedaçasse.

A leitura dos trabalhos leva a constatar logo de início a pouca consciencialização dos processos utilizados: apesar de, em princípio, possuírem os instrumentos que lhes deviam facilitar a identificação dos passos dados no processamento do texto, os alunos só raramente souberam reconhecer e dar um nome às actividades que, em determinados momentos, estavam a realizar ⁽³⁾. Penso se um dos factores a considerar, na explicação desta dificuldade generalizada, não seria certo grau de pânico que parece apoderar-se dos nossos estudantes quando confrontados com o texto poético, sem suportes prévios de teor biográfico ou histórico-crítico, embora um único grupo tenha lamentado abertamente o seu desconhecimento da obra do poeta. O que não era total, aliás, e um grupo houve que tentou tirar proveito do estudo, realizado em aulas de Estilística, de processos formais usados pelo mesmo poeta em outras composições, algumas delas sonetos. O que leva à menção de um obstáculo importante, não só para a experiência aqui relatada, mas sobretudo para toda a abordagem do texto poético no ensino. Refiro-me à falta de preparação manifestada pelos alunos em tudo quanto diz respeito aos aspectos formais, o que eu chamaria propriamente estilísticos - versificação, rima e outros processos particulares do texto poético. Desta forma, se alguns grupos

omitem toda e qualquer referência a tais aspectos e outros se mostram muito circunspectos, vagamente constatando vagas irregularidades que não se dispõem a explicitar, aqueles que pretendem identificar transgressões neste nível do texto falam em, p. ex., versos brancos, versos livres ou ausência de rima; parecem também desconhecer a contagem silábica, p. ex., atribuindo doze sílabas aos vv. 3 e 5, ou confundindo sílaba linguística e sílaba métrica no final dos vv. 6 e 10. Vários grupos iniciaram o processamento do texto no nível formal, mas, além de descrever de modo bastante inexacto as irregularidades salientadas, não souberam relacionar estes impedimentos com aqueles encontrados em outros níveis. Convinha, sem dúvida procurar identificar as irregularidades do soneto - a mistura de rimas, em grande parte toantes, às vezes limitada a rima à vogal tónica, e a sua disposição aparentemente caprichosa; e a distribuição de acentos no verso, sobretudo os acentos secundários, onde se podem observar várias deslocações de acento nos dois primeiros pés. Evidentemente, o processamento deste material estilístico não se limita às irregularidades, mas em princípio serão estas que constituem momentos de descontinuidade em relação às nossas expectativas, daí termos o que Beaugrande e Dressler chama informatividade de terceira ordem. Resta saber se convém começar sempre por estes aspectos ⁽⁴⁾.

Vários grupos, com efeito, abriram com observações sobre o título e as expectativas que este gera, considerando em muitos casos que o texto não correspondia a estas. Alguns grupos esqueceram-se, creio, da tipologia textual para poderem afirmar que a palavra "andorinhas" suscitava ideias como o "anuncio das estações do ano, dado com a sua chegada ou com a sua partida; o seu modo de viver (como constroem os ninhos ou como alimentam os filhos); o seu voo rasante,

etc.". Outros exigiam do título funcionar como "uma espécie de sùmula de toda a obra", ou "anunciar o tema central", e como a palavra 'andorinhas' aparece uma só vez no texto, a introdução de um outro 'campo semântico' empurrou vários grupos na pista do verdadeiro conceito central, optando uns pela 'torre', outros pelo 'sino'. Na realidade, não parece existir neste caso, nenhuma descontinuidade flagrante entre título e texto, sendo as andorinhas um elemento essencial deste, que sem elas simplesmente não funcionaria. Agora, a incerteza manifestada pelos alunos devia, a meu ver, ter levado a que se interrogassem sobre a função e posição das andorinhas numa das GLOBAL PATTERNS (estruturas globais) referidas por Beaugrande e Dressler: a divisão cabal em dois 'campos semânticos' (respectivamente 'andorinhas' e 'torre') praticada por quase todos os grupos teria mais sentido no caso de uma nítida descontinuidade entre o mundo textual e o mundo real nosso conhecido. O texto investigado apresenta um acontecimento em si corriqueiro, de forma que poderíamos falar, na terminologia de Beaugrande e Dressler, não apenas de um FRAME, ou conjunto, e sim talvez de um SCHEME (esquema), já que se trata de uma sequência de estados e acontecimentos.

Ao mesmo tempo, a constatação de dois campos semânticos que 'se interpenetram de um modo estranho' - resumo uma atitude comum - relaciona-se, sem dúvida, com a dificuldade experimentada no processamento do texto. Sobretudo da primeira parte, ou seja, as quadras, pois quase todos estabeleceram esta divisão entre uma secção, ou momento, de imobilidade, e outra, correspondendo aos dois tercetos, de movimento, ou dinamismo, divisão esta realizada na superfície textual pela contrajunção expressa na adversativa 'Mas' (v.9). Esta foi reconhecida como elemento de coesão, e alguns grupos foram mais longe, encontrando um maior grau de coesão sintáctica nos tercetos do que nas quadras. Aqui também surgiram problemas. Enquanto a identificação de campos semânticos facilitou a constatação de coesão lexical, não

foi dada a devida importância às elipses nem ao facto de, por exemplo, a disjunção, nos versos iniciais, sendo embora elemento de coesão, significar que só uma das proposições poderá ser verdadeira no mundo textual (6). E no fundo uma boa parte de descontinuidade do texto provém de, digamos assim, não-procedência da disjuntiva, uma vez que nenhuma das proposições, ou hipóteses, está de acordo com o mundo real - embora vários grupos se torcessem para entender 'cantos' como arestas de alvenaria e, sobretudo, para sugerir a hipótese de serem realmente 'feitas de argamassa as andorinhas'. Outros, creio que confundindo os dois mundos, tentaram por-se no lugar do observador que, ou por se encontrar longe ou porque a luz seria ainda imprecisa, não conseguiria ver claramente a cena e se faria essa pergunta inicial. No entanto, poucos tiveram a consciência de, ao apelar para o mundo real, tentarem aplicar o procedimento de PROBLEM - SOLVING (resolução de problemas) a que Beaugrande e Dressler dão o nome de OUTWARD DOWNGRADING, ou seja redução através de consulta ao mundo exterior. Vários tomaram o que parece ser o passo mais lógico, i. é. pouco adiantando voltar ao título, procuraram nos versos a seguir algum dado que ajudasse a explicar o problema levantado nos dois iniciais. Alguns compreenderam aqui, que esse problema era um caso de informatividade de terceira ordem e que o passo dado, tendo por finalidade reduzir (DOWNGRADE) esta a informatividade de segunda ordem, se chamava FORWARD DOWNGRADING (redução para a frente, ou consulta subsequente). A simbiose referida no v. 3 foi uma espécie de tábua de salvação colectiva, mas ninguém, ou quase, reparou que, ao explicar a ilusão inicial, o paralelismo criado pela substituição da conjunção à disjunção disfarça de certo modo tratar-se de uma aditiva - i. é. no v. 4 anuncia-se já a acção que se desenrolará nos tercetos, onde ficamos sabendo que a dúvida inicial foi resolvida no sentido de constituir-se em certeza, no nível metafórico ou semiótico.

Depois das esperanças lavantadas pela simbiose, a segunda quadra, consultada para firmar as certezas ilusórias, revelou-se um verdadeiro quebra-cabeças. Admitiu-se coesão na reiteração (RECURRENCE) do verbo em posição inicial, sem contudo estabelecer a sua função e se esta seria igual nos três casos. Um ou outro grupo encarou a hipótese dum hipérbato no v.5. O problema central oferecido pelo v.6, ou foi deixado em branco ou tentou-se OUTWARD DOWNGRADING, regra geral incosciente, para assegurar-nos que a "cor de manhã" seria branca, cinzenta ou escura. Um único grupo pareceu ensaiar um processo não identificado de INFERENCING(7), para concluir que se tratava do sol nascente que, encontrando-se por trás da torre, daria a ideia de estar suspenso nela, mas desvirtuou a tentativa quando se tornou óbvio que não estavam a fazer a necessária ligação entre 'cor' e o sentido 'cor de cobre' do substantivo adjectival 'bronze', que funde as duas ideias na metaforização, no mundo textual, do sino em "ave de bronze". Estes versos são, na verdade, extraordinariamente complexos e seria talvez injusto criticar os alunos por não reconhecerem o grau de ludismo barroquizante para que os poderia ter alertado já a rima parcial 'litúrgicos - ornitológica' e que estará mais em evidência na velha paronomásia 'pena - penas' nos tercetos(8). Assim, também, ao fazer, com alguma consciência, BACKWARD DOWNGRADING do grupo "dessa pena", quiseram atribuir à palavra o sentido de 'punição', quando o INFERENCING parece sugerir, na ligação 'pena - presa' apenas o significante 'pena de prisão', i.é. uma motivação puramente textual e linguística, um conceito engenhoso sem consequências profundas a nível do significado.

Infelizmente, o tempo não permite continuar a resumir a parte dos trabalhos dedicada aos tercetos. Em poucas palavras: Houve uma espécie de alívio provocado pela sua maior acessibilidade, e um grupo, ao registar a euforia sentida neles, andou perto de reconhecer no texto a celebração que, sem dúvida, ele é. Constatou-se a maior coesão, e

coerência, dos tercetos - a única frase complexa, com verbo principal e orações dependentes etc.; atribui-se o dinamismo aos verbos e substantivos deverbais traduzindo conceitos de movimento, sendo notada por alguns a função dinamizadora do superlativo "coletivíssima" (v.11) e da preposição 'por' ("pelo chão", v.13). Finalmente, a sensação generalizada de que o texto constitui uma metáfora ou alegoria fez surgir uma quantidade de interpretações simbólicas, algumas bastante fantasiosas, sem que nenhuma delas me fizesse abandonar a minha convicção de se tratar de um texto essencialmente metalinguístico focando problemas de realidade-aparência ou realidade-arte, e do próprio fazer poético, da realidade como conteúdo na sua passagem alquímica a conteúdo linguístico e poético.

Neste momento fujo de tirar conclusões sobre a experiência realizada, até porque uma andorinha não faz o verão...

NOTAS

1. Lida no colóquio 'Teoria do Texto' realizado na Universidade de Évora, 28 de Fevereiro - 1 de Março de 1985. O título é 'Teoria do Texto e Texto Poético: Coesão, Coerência e Informatividade num poema de Mauro Mota'.
2. Aproveitei uma unidade da disciplina de 'Teoria do Texto', de que sou professor, para informar os alunos sobre a teoria e o modelo propostos por Beaugrand e Dressler. À medida que iam aprendendo a lidar com os conceitos teóricos, foram fazendo trabalhos práticos - levantamento de factores de coesão, montagem de redes conceptuais etc. - para, segundo esperava, registarem conscientemente os passos seguidos no seu processamento do texto poético.
3. Talvez devido à novidade da própria disciplina e sobretudo do modelo proposto, mas também ao facto de ser a primeira vez que empreendiam o trabalho em questão. A incerteza que revelaram ao reconhecer e nomear as técnicas usadas resultou, em alguns casos,

numa conclusão em que afirmavam ter-se servido de processos cuja terminologia só nesse momento se lembravam de citar, mas sem identificar quando e com que consequências os teriam posto em prática.

4. Na minha comunicação anterior, aponteí no modelo de Beaugrande e Dressler a ausência de uma explicação do facto de terem iniciado o seu processamento do texto poético com as considerações formais. Não me parece suficiente alegar a tipologia textual, pois as expectativas criadas pelo tipo de texto, i.é. pelas suas convenções, são de ordem muito geral e só em casos flagrantes o leitor encontrará imediatamente a este nível a informatividade de terceira ordem que ele necessita DOWNGRADE (reduzir) para poder prosseguir no processamento do material textual.
5. Ver Beaugrande e Dressler (1981) cap.V, §10, 16, 29 e 38, e cap.VII §18.2 para a explicação das GLOBAL PATTERNS.
6. Ver idem. p. 71.
7. Ver idem. cap.V, §32 a 34.
8. Teria faltado talvez na preparação prévia dos alunos maior atenção ao componente 'Intertextualidade' do conceito de Textualidade, mas não teria oferecido garantia nenhuma do reconhecimento de possíveis intertextos.

REFERÊNCIAS

Beaugrande, R.A. de & Dressler, W. 1981. Introduction to Text Linguistics. London, Longman.